

EDITORIAL

“As mãos são a parte mais sensível do nosso corpo e, portanto, o órgão mais importante para pesquisar fisicamente o nosso entorno”

(Makela e Latva-Somppi, 2011, p.45)

No dossiê “Os Saberes Artesanais e a Educação”, apresentamos trabalhos oriundos de pesquisas que versaram sobre as seguintes provocações: quais são as possibilidades artísticas, inventivas e educativas que as práticas e os saberes artesanais convocam quando postos em diálogo nas aulas de artes? Como artistas e docentes articulam conhecimentos, sentires e fazeres artesanais nas suas poéticas artísticas e também pedagógicas? Como visibilizar as tensões, tanto na prática quanto discursivamente, das relações entre arte e artesanato? E até que ponto esses debates são adensados no contexto escolar de um modo geral?

Como forma de problematizar aquelas práticas que geralmente são negligenciadas dentro e fora do contexto acadêmico, em detrimento da monopolização de um saber que deixa de fora a importância do fazer e do sentir, os textos deste dossiê convidam a pensarmos juntas sobre estas questões. Portanto, se abre um caminho para gerar o debate, a reflexão e o compartilhamento de experiências em relação ao fazer artístico que abraça o fazer artesanal; em torno das práticas educativas que dialogam com saberes outros e encurtam as distâncias entre o fazer, o sentir e o pensar.

Neste sentido, os artigos que conformam o dossiê temático são resultados de reflexões críticas-sensíveis-estéticas de trabalhos de pesquisa em andamento ou concluídas, tanto do contexto universitário, como escolar ou informal. Portanto, se caracterizam por um fértil entramado de experiências relacionadas com saberes, ofícios, práticas e processos que pensam as questões de manufatura artesanal em mais de um sentido: na forma de ver, de pensar, de fazer, de relacionar, de ensinar-aprender.

Em contrapartida àquelas formas de pensar binárias ou excludentes, os trabalhos aqui apresentados nos ajudam a construir outros modos de agir, ser e pensar no mundo, especialmente, no tocante à arte e sua educação contemporânea. Os mesmos coincidem em muitos aspectos, mas especificamente, se debruçam em conferir protagonismo aos saberes historicamente invisibilizados pela academia, como os ensinamentos compartilhados através de um saber-fazer, do aprendizado de um ofício ou artesanía, do conhecimento sustentado através da oralidade, de costumes que ora constroem sentido de pertencimento, ora mantém violências cotidianas que ainda

precisam ser problematizadas não só no discurso, mas na prática da vida mesma.

O trabalho de Graciela Renato Ferreira e Luciana Borre, "A narrativa autobiográfica como ritual na formação docente", consiste numa pesquisa artográfica que incorpora o saber-fazer têxtil para pensar as narrativas autobiográficas que acionam a formação da docência em arte. Mediante uma escrita intimista, confessional e poética, as autoras nos convidam a adentrarmos no processo criativo da instalação têxtil "Liame".

O cruzamento de saberes provenientes de campos como a fotografia, a educação em arte e a agricultura ecológica, estão presentes no artigo "Articulações entre a prática docente, o anthotype e a agricultura ecológica", que apresenta Daniela Corrêa da Silva Pinheiro. Aqui, a autora se propõe a trabalhar a anthotype com estudantes de uma escola técnica de Brasília, sendo esta, uma forma artesanal de imprimir as imagens fotográficas utilizando pigmentos naturais. Todo o processo de trabalho e as relações que são construídas pela autora, dentro e fora da escola, são analisadas neste texto.

Em "Coleção de bordados: cartografia de uma residência de arte contemporânea com mulheres bordadeiras no Pampa argentino", Adriene Coelho Ferreira Jerozolinski e Maristani Polidori Zamperetti narram e analisam o processo artístico, artesanal e relacional com moradoras de um povoado dos pampas argentino. A raiz de uma residência artística realizada pela artista e pesquisadora Adriene, saberes, sentires e pensares são agenciados pela prática do bordado com as mulheres da localidade.

Desde uma perspectiva crítica, feminista, decolonial e queer, Vanessa Cristina Dias, Júlia Petiz Porto e Ursula Rosa da Silva, abordaram os fazeres do crochê, do bordado e da poesia para criarem pequenas fissuras que permitiram questionar as estruturas patriarcais e hegemônicas que ainda oprimem corpos diversos. Portanto, o projeto extensionista almejou visibilizar e problematizar as violências, opressões e silenciamentos vividos pelas mulheres que participaram dos encontros organizados pelas pesquisadoras. Um pouco mais da metodologia de trabalho podemos conferir no texto: "Tecendo poéticas feministas: crochê, bordado e poesia".

Seguindo esta perspectiva de trazer para o centro do debate, aqueles conhecimentos tidos como "inferiores", "menores", ou "periféricos", a pesquisa de Larissa Rachel Gomes Silva, intitulado como "Entre linhas e agulhas: compartilhamento de saberes artesanais na academia", se propôs a lançar um olhar sensível sobre os ofícios, saberes e práticas artesanais que estudantes universitários aprenderam no âmbito doméstico, familiar ou comunitário. Ditos conhecimentos foram levados para a sala de aula, onde foi possível ressignificar de forma crítica, ideias preconcebidas sobre arte e artesanato.

No trabalho "As tramas dos textos e dos têxteis: uma experiência com a literatura e a arte", Izandra Alves, Viviane Diego e Letícia Lazzari, relatam a prática desenvolvida com crianças de um contexto escolar do interior do Rio Grande do Sul, cujo trabalho concilia a prática de leitura e discussão de textos literários com a criação de textos visuais, através de bordados feitos pelas próprias crianças.

Um olhar cuidadoso em relação ao processo de aquisição de um saber-manual

e do desenvolvimento de uma habilidade, é poéticamente narrado por Julieta Irene Maldonado Gurín, em: “Diez caminos para desatinar al ojo de una aguja”. Aquí, a artista têxtil, professora e pesquisadora tece reflexões pertinentes sobre as oficinas têxteis que ministrou com adolescentes da escola em que atua e cuja prática docente buscou estreitar os âmbitos do fazer, da experimentação como forma de trabalho, do “erro” como possibilidade, do emocional e do intelectual como âmbitos inseparáveis no aprendizado em artes.

Os trabalhos de iniciação científica que compõem a seção de artigos livres deste dossiê são, respectivamente: “A prática de pintura a partir dos pigmentos da terra na formação de artistas professores”, que apresentam Caio Vieira da Silva Villa de Lima, Tharciana Goulart da Silva e Jocielle Lampert, onde investigaram a feitura de tintas derivadas de pigmentos da terra. Mediante um cuidadoso processo de documentação e análise sobre a produção e usos de tintas naturais, o texto contribui para repensar a linguagem da pintura na arte contemporânea e na formação de artistas - docentes.

Nesta vertente, os saberes se relacionam também com aquilo que é compartilhado através da narração de histórias e conhecimentos oriundos das práticas cotidianas e de corpos dissidentes. Em “Encanterias: saberes dissidentes no ensino/aprendizagem de artes”, Napoleão dos Santos Guedes Júnior e Fábio Wosniak, nos interpelam nesta pesquisa de iniciação científica que traz a linguagem da performance desde perspectivas decoloniais. Para tal, abordam os conhecimentos produzidos na região amazônica, bem como, aqueles saberes xamânicos, macumbeiros, drag queens, de monstras e dissidentes de gênero e sexual. Ditos conhecimentos são convocados para pensar e fazer uma arte educação igualmente dissidente.

Em “Cartografias do professor de artes cênicas. Atuação de um professor múltiplo”, que apresentam Maiquel Cristian Reichert e Carminda Mendes André, pensam e problematizam a prática docente de quem atua na área de artes cênicas no contexto escolar. Para isto, lançam um debate ainda vigente e necessário sobre as identidades docente e artista, contribuindo no plano teórico-prático, com a apresentação de propostas como a do professor performer, a do professor in role, entre outras múltiplas possibilidades.

Para encerrar este dossiê, Laura Elizia Haubert realizou a tradução para o português do texto “Experience, Nature and Art” (1925), originalmente escrito por John Dewey. Vários dos artigos que compõem este dossiê citam e analisam a Dewey, sendo portanto, uma valiosa tradução para os eixos temáticos desta publicação. Entre os questionamentos que o texto levanta, estão as análises que Dewey fez sobre o trabalho do artista e do artesão, e a construção de uma percepção sobre o produto e o processo de trabalho em ambos casos.

Desejo a todes uma ótima leitura!

Profa. Dra. Vanessa Freitag, Universidad de Guanajuato, México